CRÍTICA PÓS-COLONIAL NOS DOMÍNIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: pautando desafios epistemológicos [1]

Júlia Almeida[2]

Resumo: A oportunidade de abrir um diálogo sobre desafios epistemológicos articulando Brasil e países da África de língua oficial portuguesa nos coloca diante de um debate maior que se faz a partir de posições diversas da crítica pós-colonial nos espaços de colonização portuguesa, da qual este trabalho pretende levantar, relacionar e discutir uma pauta de indagações e gestos de pesquisa. Partiremos de um panorama de vertentes do pós-colonialismo (inglês, francês e hispano-americano) para, então, pontuar as iniciativas e os desafios que têm mobilizado estudos pós-coloniais nos variados tempos-espaços de língua oficial portuguesa.

Palavras-chave: Crítica pós-colonial. Colonização portuguesa. África. Brasil.

Abstract: The opportunity to open a dialogue about epistemological challenges linking Brazil and "lusophone" Africa puts us in front of a larger debate that is made from various positions of postcolonial criticism in the spaces of portuguese colonization. This paper aims raise, relate and discuss an agenda of post-colonialisms research questions, focusing on the initiatives and challenges that have mobilized postcolonial studies in different time-spaces of portuguese language.

Key-words: Postcolonial critique. Portuguese colonization. Africa. Brazil.

Introdução

Se adotarmos circunstancialmente para a crítica pós-colonial recortes por domínios linguísticos e culturais, podemos delimitar alguns gestos que caracterizam as várias vertentes de estudos pós-coloniais, entendidos como teorização e crítica das heranças coloniais e pós-coloniais que a partir das últimas décadas do século XX intervém nos debates

[1] O artigo nasceu a partir do I Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades: ensino, pesquisa e crítica (I CNAB), realizado na UFES, entre 26 e 29 de junho de 2012.

[2] Dra. em Linguística pela Unicamp e professora-associada nas áreas de Linguística e Estudos Literários da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: almeidajulia@terra.com.br

contemporâneos [3]. Inicialmente, na cena cultural de língua inglesa, essa crítica utiliza-se de ferramentas teóricas de correntes do pensamento europeu (pós-estruturalismo e marxismo, sobretudo), mas as coloca em funcionamento com relação a objetos que não teriam emergido nas cartografias pós-estruturais: os sujeitos coloniais e em seus itinerários de produção e reinvenção. A partir de metodologias teóricas (Foucault, Derrida) que evidenciam as condições de emergência de formas históricas (discursos, conhecimentos, subjetividades, poderes), o pós-colonialismo submete à análise as literaturas, os conhecimentos, os discursos variados e os poderes que subjetivaram, numa relação de subalternidade, o oriental (E. Said), o sujeito subalterno feminino (G. Spivak), os sujeitos coloniais híbridos (H. Bhabha). Em sua ativação nas obras inaugurais desses três autores, *Orientalismo*, de 1978 (SAID, 2007), *Pode o subalterno falar?,* publicado originalmente em 1985 e republicado em 1998 (SPIVAK, 2010), e *O Local da Cultura*, de 1994 (BHABHA, 2007), esses estudos revisitam os grandes arquivos disciplinares, dominantes, que foram as narrativas e os conhecimentos produzidos pelo colonizador inglês, pelos quais se objetivaram e subjetivaram povos e culturas colonizados, cujo *ethos* se transporta contemporaneamente aos sujeitos pós-coloniais das metrópoles e das ex-colônias inglesas.

Se a metodologia teórica é europeia em sua gênese, o objeto discursivo que dessa prática emerge – o sujeito colonial e pós-colonial no processo histórico de subjetivar-se e dessubjetivar-se como tal – foi trazido à pauta por Frantz Fanon, no texto seminal *Os condenados da terra* (2005, primeira edição em francês de 1961), uma exploração radical das condições políticas, psíquicas e afetivas dos povos colonizados da África em sua potência iminente de se descolonizar no contexto da segunda metade do século XX. Inventariar as heranças coloniais e pós-coloniais– nos sujeitos e nos saberes/poderes que os constituem – para superá-las é um dos gestos que os estudos pós-coloniais reinventam, decompondo nos discursos literário, antropológico, social, histórico, filosófico, , dentre outros, os detalhes textuais que serviram aos interesses coloniais e imperialistas ocidentais e que consolidaram a *episteme* moderna com sua repartição entre o sujeito do conhecimento europeu e o sujeito silenciado colonizado.

[3] Walter Mignolo (1996) situa os estudos pós-coloniais contemporâneos como parte de uma “razão pós-colonial” que desde a colonização e bem antes mesmo dos autores pós-coloniais ingleses já interrogava as heranças coloniais, inclusive na América Latina, que integra o primeiro continente a ser libertado da Europa.

Um outro gesto que ressaltamos dos estudos pós-coloniais em língua inglesa é aquele que se depreende das conhecidas afirmações de Said na introdução ao *Orientalismo*, quando diz que muito do seu investimento pessoal naquela pesquisa é resultado de sua experiência como oriental (desanimadora, segundo ele, para quem vive nos Estados Unidos), enredada pelo "nexo de conhecimento e poder que cria o 'oriental' e, num certo sentido, o oblitera como ser humano" (SAID, 2007, p. 57-59). Como define Boaventura de Sousa Santos, a acepção *crítica* (e não histórica) de pós-colonialismo se pauta em "um conjunto de práticas e discursos que desconstroem a narrativa colonial tal como foi escrita pelo colonizador, e tenta substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado" (SANTOS, 2002, p. 13, tradução minha), e nesse sentido Said é exemplar: produz uma desconstrução das narrativas coloniais a partir das tensões de sua experiência colonial e pós-colonial, como palestino nos Estados Unidos, situação híbrida que ao contrário de apagar sua inscrição como oriental parece-lhe fundamental para constituir essa posição de fala que quer "desaprender" o modo dominante de relação com outros povos.

Esses gestos da chamada vertente inglesa dos estudos pós-coloniais que brevemente retomamos aqui e outros não revistos encontrarão ressonâncias fecundas dentro e fora dos espaços de colonização inglesa ao longo das últimas décadas, singularizando discursos, métodos e teorias, e convocando ao debate, sobretudo, pesquisadores e intelectuais de países que experimentam as consequências da colonização europeia (especialmente as ex-colônias de assentamento profundo), sejam as que se libertaram antes da metade do século XX, mas especialmente as emancipadas a partir de 1945 (MIGNOLO, 1996). Os vários usos críticos dos termos "pós-colonial" e "pós-colonialismo" tendem a deslocar o sentido linguístico mais evidente de "pós" como "depois" ou "fim" para um gesto de ir além, de pensar criticamente a condição periférica desses espaços historicamente coloniais e pós-coloniais, procurando abrir novos modos de entendimento, longe de recusar as evidências de que as sociedades contemporâneas são marcadas pela tensão entre o fim da colonização oficial e sua presença reiterada.

Ecoando nos domínios de línguas e culturas neolatinas – particularmente nos domínios do francês, espanhol e português – esses estudos pós-coloniais tomarão rumos diferenciados, dos quais gostaríamos de, brevemente, ressaltar alguns aspectos. Começamos pelo francês, com a suspeita de que tenha ocorrido na França uma demora importante na recepção de obras

e discussões pós-coloniais oriundas do mundo anglófono. Algumas publicações, particularmente o número 26 da Revista *Multitudes*, publicada em 2006, dedicada ao tema da Pós-colonialidade, e a primeira tradução de textos de Stuart Hall em francês, reunidos no livro *Identité et cultures – Politiques des Cultural Studies* (2007), fazem menção ao fato de não haver ainda naquele período traduções em francês da literatura que suscitou o desenvolvimento dos estudos pós-coloniais e dos estudos culturais. Os organizadores do número 26 da revista *Multitudes*, Yann Moulier Boutang e Jérôme Vidal, falam no texto de abertura em um "déficit importante na paisagem editorial e intelectual francesa", em "desconfiança" e "reserva" daí decorrentes com relação aos estudos pós-coloniais, em "estado embrionário" dessas pesquisas na França (2006, p. 17, tradução minha). Três eixos de discussão parecem ser hoje bons indícios de um debate pós-colonial mais consolidado na França: o das literaturas pós-coloniais, fortalecido com publicações recentes – como o livro *Études postcoloniales* (CLAVARON, 2011), com importantes estudos das literaturas africanas francófonas, lusófonas etc. – o da escravidão, no viés aberto por Édourd Glissant, cujo fundo bibliográfico para um centro nacional pela memória da escravidão se encontra hoje na midiateca do *Musée du quai Branly*, e o das repercussões da revista *Multitudes* n. 26, articulando a filosofia política em torno de Negri e Hardt à consolidada vertente pós-colonial latino-americana, protagonizada por autores como Ramon Grosfoguel e Santiago Castro-Gómez.

A América Latina de língua espanhola constituiu um repertório vigoroso de pesquisas e intervenções nesse debate e parte dos esforços dessa corrente centrou-se na desconstrução do conceito eurocêntrico de modernidade – como racionalidade e desenvolvimento –, que não leva em conta o que se passou fora da Europa e desde o século XV, especialmente a colonização e sua "práxis irracional da violência" (DUSSEL, 2000, p. 472), baseadas na diferença colonial, o modo pelo qual negros, índios e mestiços foram construídos como outros, inferiorizados e passíveis de exploração e escravidão. Autores como Walter Mignolo, Anibal Quijano, Enrique Dussel e outros se dedicaram à reescrita dessa noção, redesenhando seus contornos históricos, geográficos, epistemológicos, culturais e integrando a colonialidade ao conceito de modernidade, explicitado na matriz modernidade/colonialidade. Um pensamento *descolonial* é a rubrica que agrega muitos desses trabalhos (MIGNOLO, 2008).

Mas a persistência das hierarquias epistêmicas e do racismo no mundo contemporâneo parece sugerir que novas formas de colonialidade global teriam força neste contexto e parecem redefinir, mais do que extinguir, uma dinâmica de poder que racializa e discrimina pessoas e povos. Assistimos a uma "reorganização pós-moderna da colonialidade do poder", como afirma Santiago Castro-Gómez (2006, p. 28), que reatualiza as hierarquias epistêmicas produzidas pela modernidade/colonialidade, como a política de patentes que hoje beneficia os conhecimentos produzidos nos países ricos, pagando pelo que eles próprios definem como inovação tecnológica e transformando em propriedade os conhecimentos e a diversidade dos países periféricos. Pós-colonialidade do poder seriam então novas formas de representações do desenvolvimento, do conhecimento, do saber que reforçam as hierarquias existentes, garantindo a hegemonia dos países ricos e o desenho imperial do mundo.

É exemplar, como produto dessa corrente crítica hispano-americana e de sua contribuição para uma nova geopolítica do conhecimento, a coletânea *Indisciplinar las Ciências Sociales*, organizada por Catherine Walsh, Freya Schiwy e Santiago Castro-Gómez (2002), reunindo diversos autores em torno da reflexão sobre os dispositivos conceituais hegemônicos, suas metodologias disciplinares e tecnologias. Na introdução, os organizadores afirmam que "indisciplinar as ciências sociais não significa se desfazer das ferramentas ou conceitos centrais das ciências nem tampouco das hermenêuticas críticas das Humanidades", mas "incitar a repensar sua utilidade ou seus efeitos sobre as relações coloniais, perguntando até que ponto perpetuam (involuntariamente talvez) a lógica vigente" (CASTRO-GÓMEZ; SCHIWY; WALSH, 2002, p. 14, tradução minha). Há nessa coletânea a discussão sobre a formação das disciplinas e áreas de conhecimento, a divisão entre conhecimentos acadêmicos e não acadêmicos, a separação entre conhecimentos ligados à escrita, à oralidade e às semióticas alternativas (do corpo, do audiovisual), como essas repartições estariam se redesenhando hoje, tanto em função da vitalidade de movimentos sociais e diaspóricos, mas também em função das consequências do capitalismo global.

Pós-colonialismos nos tempos-espaços de língua portuguesa

A vertente portuguesa dos estudos pós-coloniais contemporâneos ganhou fôlego com o texto de Boaventura de Sousa Santos "Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, pós-

colonialismo e interidentidade", publicado em 2002 em versão inglesa e portuguesa, e no Brasil em 2004[4]. Partindo de uma análise das especificidades do colonialismo português, em que Portugal figura como um colonizador "colonizado" – daí sua indecidibilidade e sua interidentidade – ineficiente e dependente da Inglaterra, incapaz de regular eficazmente sua colônia, mas nem por isso menos colonizado, Santos propõe que essas diferenças se reflitam na crítica pós-colonial em português, a partir da seguinte agenda de problemas:

- À diferença do pós-colonialismo inglês, para o qual a hibridação é uma aposta, uma das tarefas da crítica portuguesa seria distinguir tipos mais ou menos emancipatórios de hibridação, uma vez que a miscigenação é uma prática do colonialismo português;

- Seria preciso particularizar as formas de racismo e de regras que dão origem à miscigenação no império português (contrariamente ao que fez crer o luso-tropicalismo);

- Também dar-se conta das complexidades da relação colonizador-colonizado quando o colonizado experimenta ele mesmo a disjunção entre ser colonizador e colonizado;

- E ainda perceber os efeitos de uma dupla colonização (por Portugal e pela Inglaterra) no colonizado brasileiro – duplamente pressionado por falta e excesso de colonizador, ou por excesso de passado ou de futuro.

Uma crítica pós-colonial sensível às tonalidades e especificidades culturais seria consolidada na direção de um pós-colonialismo *situado*, e não sobrepondo valores hegemônicos da colonização e do pós-colonialismo ingleses. Pesquisas propostas pelo Centro de Estudos Sociais – CES da Universidade de Coimbra, dirigido por Boaventura de Sousa Santos, dão visibilidade a essa perspectiva, como o *Projeto Tolerace – The semantics of tolerance and (anti-)racism in Europe*, cujas publicações têm iluminado aspectos importantes

[4] Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (Org.). *Cultura e desenvolvimento.* Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004, p. 22-73. A versão publicada no Brasil não contém a parte inicial (e muito elucidativa do texto), motivo pelo qual citamos a publicação em inglês.

do racismo “à portuguesa”, desenvolvendo o eixo de pesquisa das formas de racismo nos domínios de colonização portuguesa proposto por Santos[5].

Uma pauta mais particularmente luso-brasileira de problemas coloniais e pós-coloniais que exigem a reflexão contemporânea foi proposta em eventos e discussões que resultaram no livro *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros* (BASTOS; ALMEIDA; FELDMAN-BIANCO, 2002 [6]), em que antropólogos e historiadores radicados no Brasil e em Portugal revisitam à luz da teorização pós-colonial o antigo império português e suas reconfigurações atuais, tomando como unidade a mútua constituição de colonizador e colonizado, o que não deixa de ser um dos eixos de pesquisa apontados por Boaventura de Sousa Santos. Conjunturas históricas diversas do colonialismo e do pós-colonialismo portugueses são revisitadas, no sentido de demarcar referências para análises das especificidades da experiência colonial portuguesa, sem que se postule sua excepcionalidade, como na interpretação luso-tropicalista do mundo colonial português. Temas do passado como escravidão, etnicidade e miscigenação são revistos, e também questões prementes como migração e racismo hoje em Portugal. Outros eixos de pesquisa são realçados quando se coloca em questão os pressupostos de uma língua e um passado comuns (inclusos, por exemplo, na criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP) como “tentativas de reconstruir uma entidade pós-colonial capaz de contrabalançar o efeito de erosão da globalização e a marginalidade portuguesa no seio da EU [União europeia] (ALMEIDA, 2002, p. 33). É, nesse sentido, que um exame dos pressupostos de uma suposta identidade existente entre o Brasil, Portugal e os países africanos de língua oficial portuguesa parece ser o ponto de partida de vários pesquisadores oriundos de ex-colônias de Portugal, sobretudo de países africanos, que vivenciam como problemas muito atuais os efeitos das imposições coloniais, inclusive da língua portuguesa.

Exatamente nessa direção a mesa “Africanidades e Brasilidades: desafios epistemológicos”, no I Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades – CNAB, reunindo os cientistas sociais moçambicanos Elísio Macamo e Patrício Langa e as pesquisadoras brasileiras Adelia Miglievich-Ribeiro e esta autora, como debatedora, evidenciou como tarefa de início para um diálogo África-Brasil, a desconstrução dos conceitos que “naturaliza[m] a

---

[5] Ver artigos do *Projeto Tolerace* disponíveis no site da CES: <http://www.ces.uc.pt>. A coletânea *Epistemologias do Sul* (SANTOS; MENESES, 2010) também oferece uma perspectiva ampliada dessa corrente, embora não situada em espaços de língua oficial portuguesa.

[6] O livro foi publicado em Portugal em 2002 e posteriormente no Brasil em 2007, pela Editora da Unicamp.

nossa pertença a um espaço comum" e dos "pressupostos sobre os quais a história que produziu esse espaço comum assenta", como ressaltou Elísio Macamo, em seu texto "A moral da História: adiar conversa como intervenção epistemológica" aqui reunido. Daí o cuidado com os construtos pressupostos nos diálogos afro-brasileiros, começando pela história e pela língua comuns até entidades como "africanidades" e "brasilidades", que como efeito subliminar obscurecem as identidades nacionais africanas envolvidas, o que tem sido a tônica de muitos discursos dominantes sobre a África. O próprio conceito de lusofonia encobre o fato de que, para falantes de línguas autóctones do Brasil e da África, a língua portuguesa constitui um problema, um impedimento, e não um bem comum a nos unir, incitando uma crítica (inclusive da perspectiva pós-colonial) que se faça não só nos espaços de fala das línguas coloniais, mas que se abra às tensões e múltiplas perspectivas das línguas suprimidas ou quase suprimidas pelos processos coloniais e pós-coloniais. Revolvidos os pressupostos de partida, Patrício Langa, em "Africanização e Brasilização do Ensino, Pesquisa e Crítica: Desafios epistémicos e metodológicos", sugere então que se enfrente o desafio epistemológico de pensar e propor uma "afro-brasilização" como "relação dinâmica no encontro entre as Áfricas e o Brasil (Américas), sem descuidar do legado histórico, (re)criando espaços de sociabilidade, possibilidades imancipatórias, mas também desvelando relações de colonialidade". Espaços fronteiriços que Adelia Miglievich-Ribeiro conceitua tão bem em sua contribuição à mesa e a este dossiê com o texto "Intelectuais, Diáspora e Cultura: por uma crítica anti-moderna e pós-colonial".

Outra iniciativa de "afro-brasilização" foi consolidada na elaboração da coletânea "Crítica Pós-colonial: panorama de leituras contemporâneas", a sair brevemente pela Editora 7 Letras/Faperj, com organização de Júlia Almeida, Adelia Miglievich-Ribeiro e Heloisa Toller Gomes (2012). Reunindo pesquisadores brasileiros e estrangeiros, o livro propõe um diálogo entre autores do heterogêneo "tempo-espaço da língua portuguesa" (SANTOS, 2002, p. 9), expressando, sobretudo, a imbricação entre teorização pós-colonial e demandas das afro-brasilidades.

Uma das tarefas das pesquisas pós-coloniais no Brasil evidenciadas nessa coletânea foi justamente a de "identificar os princípios éticos na base da ordem social brasileira que foram violados no processo de constituição da nação brasileira" (MACAMO, 2012, p. 207). Essa tarefa requer uma releitura dos discursos que fundaram a singularidade brasileira em um hibridismo excepcionalista e que se refinem os meios e categorias de análise: seja

distinguindo hibridismos (mais ou menos ativos nas suas seleções, mais ou menos forçados, assimilados etc.); seja reconstituindo gestos e enunciados de resistência lá onde se percebia uma ausência de voz; seja buscando uma impostação étnica capaz de impor o limite necessário ao expansionismo ocidental europeu, na esteira do que Ella Shohat dizia: "negociar locais, identidades e posicionalidades em relação à violência do neo-colonial é crucial para que a hibridização não se torne uma figura de consagração da hegemonia" (1992, p. 110, tradução minha).

Somando-se aos esforços de outras áreas, os estudos pós-coloniais no Brasil contribuem com ferramentas, posicionamentos e fôlego novo para pautar processos de discursivização e subjetivação em temporalidades diversas, sem, no entanto, pretender traduzir os diferentes processos a um operador comum. Nesse sentido, os problemas para os quais os textos da coletânea confluem – seja a revisitação à colonização e à formação social brasileira, as fricções literárias e culturais afro-brasileiras, as demandas por uma nova geopolítica do conhecimento e os novos movimentos e trânsitos de diferenças – são evidências de uma insistência em contribuir para o enfrentamento dos problemas que se impuseram a partir das diferenças e desigualdades herdadas da colonização e que pertencem ao que, dialogando com Roberto Schwarz (1977, p. 31), entendemos como "campo de problemas reais, particulares, com inserção e duração histórica próprias" que têm peso, necessidade e exigem nossa atenção nesse lugar geocultural em que nos inserimos como intelectuais.

Considerações Finais

A relação entre as nossas e as sensibilidades pós-coloniais, com o que tem sido feito em outras partes do mundo, pode trazer um grande estímulo a pesquisas relacionadas e a metodologias comparadas. As reverberações que se fazem ouvir nessa coletânea entre os textos que se debruçam sobre as literaturas lusófonas da África pós-colonial – "As literaturas pós-coloniais da África lusófona", de Bárbara dos Santos, e "Paulina Chiziane e a história da poligamia", de Jurema Oliveira – são estímulo a que iniciativas transnacionais sejam realizadas nessa grande cartografia pós-colonial que se escreve em língua portuguesa, desde que a língua não seja tomada como fator de apagamento da história e das diferenças, mas,

espaço de sociabilidade e de interferência crítica, como, aliás, é exemplar o texto de Elísio Macamo “O pós-colonial *ante portas*: algumas notas de rodapé” a respeito do Brasil. Se o Brasil e as reflexões sobre nossa colonização funcionaram no passado como paradigma para a colonização dos países africanos por Portugal, as trocas intelectuais atuais com a África pós-colonial nos permitem revisitar nosso entendimento sobre processos que constituíram e constituem a colonialidade e a pós-colonialidade no universo luso-afro-brasileiro, inclusive práticas caras ao Brasil e à África, como o luso e o neo-colonial.

As diferentes tonalidades do pós-colonial no mundo expressam particularidades geo-históricas de processos e fluxos que se constituíram em grandes movimentos para além mesmo de cada domínio ou língua coloniais, e, nesse sentido, a pesquisa comparada é uma forma de tensionar os dispositivos de leitura e os resultados da análise. Chama atenção como pesquisas sobre migração hoje na Europa raramente observam o fenômeno da chegada dos imigrantes nas metrópoles em sua articulação com o que aconteceu e acontece nas ex-colônias que hoje exportam suas populações, países recentemente libertados da Europa e que ainda sofrem muito diretamente as consequências da colonização e da “colonização sem colono”, para usar a bela expressão de Mia Couto. Interessa apenas aqueles que partem e que chegam ou não, mas não os que ficam. O pós-colonial constitui redes de pesquisa que procura dar visibilidade aos problemas que dos centros hegemônicos não interessa ver, verdadeiros pontos cegos que parecem resolvidos quando uma expressão é retirada de circulação – “terceiro mundo”, “periferia” – ou quando uma nova categoria redistribui novas relações – “império” e não mais “imperialismo”.

Finalmente, queria retomar uma fala de Conceição Evaristo que servirá para fechar este comentário ao conjunto de pesquisas aqui reunidos: dizia a escritora o quanto as palavras de Edward Said no início de *Orientalismo* – atando sua condição de oriental a suas pesquisas sobre o orientalismo – foram de grande utilidade ao pesquisador negro, habituado a ouvir de professores e orientadores que o investigador deve se distanciar de suas circunstâncias de vida – a “ladainha da neutralidade”[7]. Em seu trabalho como escritora e pesquisadora, a contaminação de seus escritos como mulher negra é a tônica – o que a autora explicitou na expressão *escrev(ivência)*. De fato, com aquelas considerações sobre seu método, Said inaugurava condições de o pensamento relacionar-se de outra forma com seu contexto de

[7] Em conferência no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC-UFRJ) intitulada “Nos labirintos do silêncio de Anastácia: um grito de muitas vozes”, em 06 de outubro de 2011.

experiência. Essa relação dinâmica com a vida está na base de uma nova maneira de se produzir conhecimento, de uma nova solidariedade entre pesquisadores e intelectuais das periferias do mundo e que enseja uma nova relação entre pesquisas do sul e do norte.

Referências

ALMEIDA, Júlia; MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia; GOMES, Heloisa Toller (Org.). **Crítica pós-colonial:** panorama de leituras contemporâneas. Rio de Janeiro: 7 Letras/ Faperj, 2012. No prelo.

ALMEIDA, Miguel Vale. *O* Atlântico Pardo*: antropologia, pós-colonialismo e o caso "lusófono".* In: BASTOS, Cristiana. ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO, Bela. **Trânsitos coloniais***:* diálogos críticos luso-brasileiros. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002, p. 23-37.

BASTOS, Cristiana. ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO, Bela. **Trânsitos coloniais:** diálogos críticos luso-brasileiros. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BOUTANG, Yann Moulier; VIDAL, Jérôme. De la colonialité du pouvoir à l´Empire et vice versa. **Multitudes**, Paris, n. 26, p. 16-25, aut. 2006.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Le chapitre manquan d'*Empire*. *Multitudes*, Paris, n. 26, p. 27-49, aut. 2006.

______; WALSH Catherine; SCHIWY, Freya. Introducción. In: WALSH Catherine; SCHIWY, Freya; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Indisciplinar as ciências sociais**. Quito: Universidade Sandina Simon Bolivar/AbyaYala, 2002, p. 7-16.

CLAVARON, Yves. Histoire d´um retard. In: ______ (Org.). Études *postcoloniales*. Paris/Nîmes: Société Française de Littérature Générale et Comparé / Mondial Livre, 2011.

DUSSEL, Enrique. **Europe, Modernity, and Eurocentrism**. *Nepantla*: Views from South, Durham, n. 1.3, p. 465-478, 2000.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **Identités et cultures***:* politiques des Cultural Studies. Paris: Éditions Amsterdam, 2007.

MACAMO, Elísio. O pós-colonial *ante portas*: algumas notas de rodapé. In: ALMEIDA, Júlia; MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia; GOMES, Heloisa Toller (org.). **Crítica pós-colonial:** panorama de leituras contemporâneas. Rio de Janeiro: 7 Letras/ Faperj, 2012. No prelo.

MIGNOLO, Walter. Herencias coloniales y teorias postcoloniales. In: GONZÁLES STEPHAN, Beatriz. **Cultura y Tercer Mundo: 1.** Venezuela: Nueva Sociedad, 1996, p. 99-136.

______. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras,** Niterói, n. 34, p. 287-325, 2008.

SAID, E. W. **Orientalismo***:* o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo, Companhia de Bolso, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Between Prospero and Caliban:* colonialism, postcolonialism and inter-identity. **Luso-Brazilian Review**, Madison, v. 39, n. 2, p. 9-43, win. 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: ______. **Que horas são?** Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1977, p. 29-48.

SHOHAT, Ella. Notes on the "Post-Colonial". **Social Text**, Durham, n. 31-32, 1992, p. 99-113.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

WALSH Catherine; SCHIWY, Freya; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Indisciplinar as ciências sociais.** Quito: Universidade Sandina Simon Bolivar/AbyaYala, 2002.

Recebido em: 01/10/2012. Aceito em: 20/10/2012.